

Organização
Lúcio Antônio Prado Dias

Sinais



IV Antologia da Sobrames Sergipe

Sociedade Brasileira
de Médicos Escritores

Inclui DIÁRIO DA QUARENTENA

Coordenação: William Eduardo Nogueira Soares

© Copyright 2020 by Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Sergipe

Todos os direitos desta edição reservados aos autores. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos dos autores (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação e capa Joselito Miranda	Editoração ArtNer Comunicação	Revisão Everton Santos
Fotografias / Imagens Acervo Sobrames-SE	Fotos dos autores Acervo particular	Impressão Infographics

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

D541s Dias, Lúcio Antônio Prado (Org.).
 Sinais: IV Antologia da Sobrames Sergipe-Sociedade
 Brasileira de Médicos Escritores-Regional Sergipe. /Lúcio Antônio
 Prado Dias(Org.).
 - Aracaju: ArtNer Comunicação, 2020.

(Coordenação de Dr. William Eduardo Nogueira Soares – Diário de uma Quarentena)

382p.:il.
ISBN: 978-65-991517-8-1

1. Antologia-Sobrames-Sergipe
 2. Médicos Escritores
 3. Ensaios-Contos-Poesias
- I-Título

CDU: 6: 82 (813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB- 5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · <http://artner.com.br/>

Organização
Lúcio Antônio Prado Dias

Sinais



Sociedade Brasileira de Médicos Escritores
Regional Sergipe

Aracaju-SE



2020



Apresentação

O tempo não para!

Quem pensou ou mesmo acreditou que o danado do novo vírus viria, com a sua agressividade, a atrapalhar os nossos planos, enganou-se profundamente. O recolhimento social, independente do tipo e da intensidade, foi força motriz para superarmos essa adversidade. Paradoxalmente, isolados aprendemos a conviver sem tocar, sem o sentar lado a lado com o amigo, sem abraços nem afetos. Nunca estivemos tão longe e tão perto. Para isso foi fundamental conhecer e conviver com novos amigos e parceiros tecnológicos, o *tablet*, o computador ou, simplesmente, o *smartphone*. Novos amigos de nomes estranhos apareceram e foram importantes para nos tirar do abismo: o Sr. *Zoom*, o Sr. *Google Meet*, o Sr. *WebEx Meetings*, o Sr. *Go to Meeting*, entre outros menos festejados. Através deles realizamos reuniões de forma segura, eficiente e bem frequentadas. Nunca tivemos reuniões tão concorridas!

Graças à força da *web* ideias foram concretizadas, como o nosso Sarau da Quarentena, com a participação de vários colegas sobramistas e convidados. O programa, transmitido pelo *YouTube*, prestou homenagem aos profissionais de saúde na luta contra a pandemia, os 20 anos de fundação da nossa Sobrames e os 200 anos da Emancipação Política do Estado de Sergipe, efemérides celebradas em 2020, também foram alvos de homenagem.

Agora, mais uma ação se concretiza: a *IV Antologia da Sobrames-SE – Sinais*, que chega de vento em popa, com participações ilustres de médicos e convidados de várias partes do país, prestando uma singela homenagem ao médico e professor Garcia Moreno, um dos patronos da Academia Sergipana de Medicina e imortal da Academia Sergipana de Letras. E não paramos por aqui. *Sinais* traz, ainda no seu bojo, o *Diário da Quarentena*. Ideia do confrade William Soares, com depoimentos de sobramistas e convidados nesse período diferente e estranho em nossas vidas.

Portanto, 2020 não foi um ano perdido pra gente, como muitos estão dizendo por aí! Da crise, vislumbramos e realizamos as oportunidades e continuamos, felizmente, a realizar sonhos!

Uma boa leitura para todos.

Lúcio Antônio Prado Dias
Presidente da Sobrames Sergipe

Sumário

Parte I

Homenagem	13
João Baptista Peres Garcia Moreno (I) por Franciso Rollemberg	15
João Baptista Peres Garcia Moreno (II) por Lúcio Antônio Prado Dias	23
Crônicas de Garcia Moreno.....	28
O velho Dória.....	28
O envelope.....	31
Fritada de Siri.....	33
<i>Strip-tease</i> médico.....	36

Parte II

Sarau em tempos da pandemia	39
Sarau da Quarentena	41

Parte III

Médico escritores e suas obras	51
ALEXANDRE MANSÃO	
Rotina	53
ANTÔNIO CARLOS SOBRAL SOUSA	
O receio da omissão.....	67
ANTÔNIO CLÁUDIO NEVES	
Sinais e vidas.....	75
ANTONIO SAMARONE SANTANA	
A nuvem de cupins	82
Minhas pulgas	85
Rezei por Dom Henrique	88

ARLINDA COSTA FONTES	
Sinais de vida	90
A sabedoria de amar você	91
Destaques do meu ano de 2020	92
ARQUIMEDES VIEGAS VALE	
Nina Rodrigues — ciência e consciência	98
BELKISS CAMPOS GOMES DE BARROS	
Cais dos sentimentos	104
Caminho	106
Extravasas	107
Inquietação da quarentena	108
Interlúdio	110
Poesia	111
Travessia	112
DAGOBERTO SANT'ANNA	
Conflito	114
O rio	115
Sabiás e bem-te-vis	118
Paris	119
Tarde demais	122
FRANCISCO GUIMARÃES ROLLEMBERG	
Tempo de travessia	126
Prof. Barreto Fontes	129
Carlos Chagas	133
GERALDO BEZERRA	
Embates sonoros, uma vivência suburbana	139
Paisagem	142
Instantâneas	143
GERALDO LEITE	
José Silveira - Mocidade e infância	144
São Bento das Lajes	146

GILMÁRIO MACEDO	
Borzeguim novo.....	157
A margarida e o vento.....	161
Júbilo de luz e som.....	163
GILSON DO NASCIMENTO MELO	
Destino.....	165
Dúvidas.....	167
Flor de lis.....	168
Renascença.....	168
Fonte da vida.....	169
Formosa donzela.....	170
Ilusão de navegador.....	171
Linha imaginária.....	172
Olhos castanhos.....	173
Porto seguro.....	174
Sonhos de saudade.....	175
Tu.....	176
Vai, santo!.....	177
Éramos sós.....	179
HENRIQUE BATISTA E SILVA	
Os sinais e o tempo <i>dark</i> da pandemia 2020.....	180
HILMAR RIBEIRO HORTEGAL	
Maravilha.....	185
Arte.....	186
Sensacional.....	187
Fenomenal.....	188
Fenômeno.....	189
Amor.....	190
Mistério poético.....	191
Inocência.....	192
Revelação.....	193
Abandono.....	194

JOÃO CONRADO GUERRA FILHO	
Ispia.....	195
Lua.....	196
Amor	196
Espelho.....	197
Atração.....	197
Meu maior prejuízo.....	198
Daisy.....	199
Tributo	200
O Vidente.....	201
Aventura a dois	203
O brinde	205
Esteios.....	206
Tenho de fazer este registro	207
JOSÉ ABUD	
Por que?	208
Por que? Por que? Por que?	216
JOSEMAR OTAVIANO DE ALVARENGA	
Será mais um porteiro de <i>rendez-vous</i> ?.....	220
Diálogo casual	226
MARCOS RAMOS CARVALHO	
A essência da vida.....	229
De médico e louco, cada um tem um pouco.....	230
Água e vida.....	232
Mestre	233
Pedras	234
Química da vida	235
Tempo de pandemia.....	236
MARIA STELA MENEZES SANTANA	
O embate de <i>Eros</i> e <i>Thanatos</i> em tempos de pandemia.....	237
MARLI PIVA MONTEIRO	
Armadilha ignara	248

O presente do Dia das Mães	249
<i>Que c'est triste Venice</i>	250
Irmãs siamesas	252
Sant'Antimo	254
MENILSON MENEZES	
Infeliz no matrimônio	258
Pesquisa científica	266
Decepção da amizade	267
A sorte	268
RAIMUNDO SOTERO	
Espera	269
Anseios	270
Desafio	270
Vida	271
Águas e pensamentos	272
O pão	273
É vida	274
Felicidade	274
Folhas mortas	275
Simplesmente amor	276
Expressão	277
ROSA AMÉLIA ANDRADE DANTAS	
Aprendiz	279
Autoamor	280
Cachoeiras e cascatas	281
Coletivo	282
Pranto seco	283
Pontes	284
Parte IV	
Diário da Quarentena	285



Parte I

Homenagem

*João Baptista Peres
Garcia Moreno*





João Baptista Peres Garcia Moreno (I)



Francisco Rollemberg
*Médico cirurgião.
Membro titular do Colégio
Brasileiro de Cirurgiões.
Foi deputado federal.
Integra a ASL, onde ocupa
a vice-presidência da
entidade. Integra também
a diretoria da Somese e a
Sobrames Sergipe*

Conheci o Prof. Garcia Moreno quando fui aluno do Atheneu Sergipense, cursava o 2º ano científico.

Catedrático de Ciências Naturais, ensinava Botânica em aulas magistrais que encantavam seus alunos.

Professor afável, o mais das vezes irônico, assim se apresentou no primeiro dia de aula: “- Não estou aqui para forçar a aceitação do conhecimento, mas para colocar nas suas cabeças a necessidade da cultura em suas vidas”, e continuou: “- Digo isso porque, na idade da maioria dos senhores, eu não estava mais aqui, e sim na Faculdade de Medicina da Bahia, onde me formei, portanto não estou aqui para aprová-los ou reprová-los. Isso deixo para a vida quando lá fora forem competir por um lugar ao sol”.



Participando por longo tempo da vida pública, quase não via Garcia Moreno, quando soube que tinha sido operado, sofrendo amputação de uma perna. Visitei-o de imediato, encontrando-o tranquilo, filosofando sobre o sentido da vida e a fragilidade humana. Conversamos, nos abraçamos na despedida, ele estava bem.

No dia seguinte, fui ao seu sepultamento.

Quem foi Garcia Moreno?

Que legado deixou para a posteridade?

Sergipano de Laranjeiras, faleceu em 21 de outubro de 1966, com 65 anos, após uma vida intensa dedicada à missão que se traçou de se empenhar em remover, à luz da ciência, os obstáculos mentais da criatura humana, devolvendo como podia, aos insanos, a saúde psicossomática.

Foi nesse campo um contestador, um revolucionário, não aceitando, como bem o disse Lobo Antunes, psiquiatra português e escritor de escol, cuidar da “última miséria, a solidão humana absoluta, o que para nós próprios não aguentamos suportar, os mais escondidos e vergonhosos dos nossos sentimentos, o que nos outros chamamos de loucura, que é afinal a nossa, e da qual nos protegemos a comprimi-la em grades e alimentá-las de comprimidos para que continue existindo”.

Revolucionário, inovador, Garcia há quase 50 anos não aceitava vestir as pessoas de diagnósticos, ouvi-las sem escutar, ficar de fora delas como à beira de um rio de desconhecidas correntes, sem ver sua vida, sem esconder sua nascente e sem molhar os pés, recomendando depois de cada refeição um comprimido e outro ao deitar, e ficar saciado com o feito como um escoteiro que ajudou “a velhinha a atravessar a rua”.

Como a visão mais abrangente das fragilidades humanas, Garcia Moreno abriu seu consultório em Aracaju sem o transformar em uma fortaleza impenetrável ao conhecimento teórico.

Não abriu o consultório para fechar os livros. Na verdade, soube alternar a teoria e a prática, verificando ao vivo os conceitos, as ilações, as hipóteses que se armam no mundo das elucubrações. E, para testemunhar o que via, se transformou no pesquisador diuturno que se recolhia nas horas vagas para registrar o que lhe parecia coerente com a ciência haurida nos tratados.

A parte científica da obra de Garcia Moreno reflete exatamente o universo patológico de sua missão – o mundo dos doentes mentais.

O mundo anômalo dos pavores, dos suores frios, das psicoses, que formam o quadro escuro da insanidade.

Sobre esse labirinto de exceções, o mestre detém-se em busca das origens através de uma investigação judiciosa.

Alguns títulos de seus estudos refletem essa alternância de consultório para o gabinete de leitura, onde o médico se transmuda em analista e, por força da expressão verbal, em escritor.

Nas suas obras de pesquisador científico, vê-se que Garcia Moreno seguiu o itinerário de Nina Rodrigues, Artur Ramos, Ulisses Pernambucano, cujas contribuições no campo da antropologia e da psiquiatria nunca é demasiado lembrar.

Pioneiro no estudo da psicopatologia, Garcia Moreno escreveu *Assistência a psicopatas no Brasil*, em que procurou reformular o processo tradicional de segregação compulsória na cura dos insanos.

Em três outros trabalhos, registrou resultados das diversas terapias então em voga e por ele aplicadas.

Eletroconvulsoterapia, insulino-terapia endovenosa, penicilino-terapia em demência parálitica, em que, como pioneiro, mais uma vez estudou os efeitos da penicilina cristalina por via intratecal, trabalho esse que depois foi usado como tese de concurso.

Destaca-se, porém, dentre tantos trabalhos de natureza médico-científica, o que dedicou ao estudo da “maconha”, hoje atualíssima, principalmente porque a *Cannabis* deixou de ser erva folclórica para figurar no receituário da degradação da juventude em todo o mundo.

Quando Garcia Moreno escreveu: “Aspectos do maconhismo em Sergipe”, trabalho que hoje se encontra inserido no livro *Maconha*, edição do Serviço Nacional de Educação Sanitária (1958), o tema ainda se confinava aos maloqueiros de Aracaju, como se dizia à época.

Era adolescência marginalizada pelo pauperismo, assim descrita pelo mestre: “[...] são adolescentes abandonados, delinquentes quase todos, que moram embaixo das pontes, dos cais de Aracaju. Formam um bando liderado por um malandro experiente na criminalidade que lhes traça o programa de vida miserável, cheia de aventuras e incidentes policiais [...]”.

Em sua crônica “O homem que lavou o cérebro”, sentimos até que ponto Garcia Moreno se preocupava com a malignidade dos modernos métodos científicos, principalmente quando se trata de aplicar o que em linguagem corrente se denomina lavagem cerebral.

Numa prosa de alto nível, Garcia Moreno inicia sua crônica como uma invectiva ao espírito científico quando este agride os princípios da ética.

Vejam os até que ponto suas observações permanecem atuais: “Uma cegueira maligna parece ter destruído a visão do perímetro pessoal de cada ser, a que se refere Lopes Ibor”.

“Perdeu-se a noção da fronteira que marca no homem o núcleo intocável da sua personalidade. O desaparecimento de tal delimitação tem transformado a ciência em instrumento diabólico à mercê das mãos de Estado Majestático renascente na civilização moderna.”

“Ao lado da tortura física e cruenta que desenvolve os músculos e azeda os instintos de brutalidade nos porões das organizações policiais de quase todo mundo, a tortura indolor.”

“Para os fortes, aqueles nos quais o tormento do corpo é

ineficaz a queda do silêncio, a violação da alma pode ser feita pelos filtros mágicos da ciência.”

“Mas o pior do que conquistar a área secreta da intimidade humana é destruí-la. É fazer da alma uma coivara.”

“Promover a derrubada das ideias e sentimentos, desarraigá-los, para plantar no homem as espécies exóticas de uma alma estranha. Recorrer aos artifícios da química psicológica da psicocirurgia, da pedagogia deformadora para matar a alma.”

“O mentecídio é o último fruto da árvore de Prometeu.”

Este era Garcia Moreno: médico, pensador, pesquisador, professor do Atheneu Sergipense, da Faculdade de Direito e Medicina, um dos fundadores da Universidade Federal de Sergipe - UFS.

Foi um semeador de cultura em nosso Estado, preocupado como Jacques Maritain, que acreditava: “A cultura ou a civilização é a expressão da vida propriamente humana, o que diz respeito não somente ao desenvolvimento material necessário e suficiente para permitirmos uma reta vida na terra, mas também e antes de tudo ao desenvolvimento moral, o desenvolvimento das atividades especulativas e das atividades práticas que merecem mais propriamente a denominação de desenvolvimento humano”.

Escritor e cronista vigoroso, homem da terra, dela se ocupou inteiramente, telúrico da cabeça aos pés.

Cajueiro dos Papagaios e Doce Província reconstituem nossa terra sergipana em seu pitoresco e em sua seriedade.

Era assim Garcia Moreno, um médico de alta sensibilidade, revelando sempre uma terna dedicação ao homem, como médico que foi, e à nossa terra, de onde não se afastou.

Sua fidelidade a Sergipe era tão forte que nos faz recordar Gilberto Freire, recriminado por Oliveira Lima, por seu desejo

de continuar em Pernambuco, seria o mesmo que patinar na areia. O autor de *Casa Grande e Senzala*, de *Quase política* (entre tantas outras obras) e de coletânea de discursos parlamentares retrucou anos mais tarde: “Preferi contra o conselho do mestre e bom amigo patinar em areia áspera mais nativa, minha, profundamente minha e não me arrependo da decisão”.

Para encerrar, trago à baila um poema de Airton Teles Barreto, *Mestre dos Mestres*, inspirado na figura vetusta de Garcia Moreno.

Mestre dos Mestres

Na medicina dos que são maiores,
todos têm vez na formação do mestre:
o ser normal, o pobre, o rico e o louco.
Mestre maior da medicina humana,
nós nos lembramos de você assim:
cultura enorme, inteligência alvor,
raio de luz levando vida às palmas,
remédio heroico ao ser aflito,
mestre do corpo, professor das almas...



Garcia Moreno e Acrísio Cruz.